

Vida, emoção e significação: uma reflexão à luz da teoria biocultural, de Jordan Zlatev*

Igor Amaral Vitral Hollerbach Athayde**
Maria Luísa Rodrigues Sousa***

Resumo

Neste ensaio, exploramos o tema das emoções na teoria biocultural do significado de Jordan Zlatev (2002), situando-a no campo das discussões contemporâneas sobre as emoções e suas relações com a cognição e a linguagem (e.g. Scherer, 2005; Frijda e Scherer, 2008; Maturana, 2002; Cavalcante e Militão, 2016). Para Zlatev, o significado é uma relação que o organismo estabelece com seu ambiente, determinada pelo valor que atribui aos estímulos que dele recebe. Assim, entende-se que o significado emana da vida, mas também, para o organismo humano, das experiências culturais. No enquadramento dessa teoria, buscamos explorar o papel das emoções em processos de produção de sentidos e refletir sobre o modo como o ser humano significa a própria experiência qualitativa de suas emoções e as codifica na língua. Nas reflexões que ora empreendemos, a dimensão biológica afetiva da experiência humana mostra-se tão indispensável aos estudos semânticos contemporâneos quanto os fatores de ordem sistêmica, social e cultural.

Palavras-chave: Semântica; significado; emoções; cultura; valor.

* Este ensaio foi elaborado a partir de motivações decorrentes das discussões e dos seminários realizados na disciplina *Teoria Semântica*, ministrada pelo Prof. Dr. Hugo Mari, no Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas, bem como das discussões realizadas no âmbito do grupo de pesquisa Complex Cognitivo, vinculado ao mesmo programa.

** Mestrando no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Bolsista da CAPES, igor.avha@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-2493-0207>.

*** Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras e graduanda em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Bolsista Assistencial da PUC Minas, marialuisa.rdss@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8092-6119>.

Life, emotion and meaning: a reflection in light of Jordan Zlatev's biocultural theory.

Abstract

In this essay, we explore the theme of emotions within Jordan Zlatev's (2002) biocultural theory of meaning, situating it in the context of contemporary discussions on emotions and their relationship with cognition and language (e.g., Scherer, 2005; Frijda and Scherer, 2008; Maturana, 2002; Cavalcante and Militão, 2016). According to Zlatev, meaning is a relationship the organism establishes with its environment, determined by the value it assigns to the stimuli it receives. Thus, meaning is understood to stem from life, but also, for the human organism, from cultural experiences. Within this theoretical framework, we explore the role of emotions in sense-making processes and reflect on how human beings ascribe meaning to their qualitative emotional experiences and encode them in language. In the reflections we undertake here, the affective biological dimension of human experience proves to be as indispensable to contemporary semantic studies as systemic, social, and cultural factors.

Keywords: Semantics; meaning; emotions; culture; value.

1. Primeiras considerações: biologia e cultura nos estudos semânticos

O estudo do significado vem de uma longa tradição na filosofia, na psicologia e na linguística (Allan, 2015), englobando diversas abordagens teóricas que buscam compreender o modo como interpretamos e atribuímos sentido às nossas experiências no mundo. A semântica contemporânea vem acumulando influências dos mais variados campos do saber, dentre os quais podemos destacar a lógica, a semiótica, a etologia, os estudos cognitivos e, mais recentemente, as neurociências (Pulvermüller, 2013). Nesse contexto, a teoria biocultural do significado, proposta por Jordan Zlatev (2002), emerge como uma proposta integradora de aspectos biológicos e culturais na compreensão dos processos de significação. Ao abordar o significado como um fenômeno definido não somente por aspectos biológicos, mas também por práticas culturais e sociais, a teoria biocultural de Zlatev oferece uma perspectiva que integra as dimensões sistêmica, simbólica, funcional e interativa da significação.

Dentro deste quadro teórico, o estudo das emoções ganha uma importância significativa. As emoções, componentes fundamentais da experiência humana, não são apenas uma resposta biológica a estímulos do ambiente, mas também são disposições corporais que balizam os sentidos construídos intersubjetivamente pelo homem em sua (con)vivência (Cavalcante e Militão, 2016) e, portanto, possuem dimensão biológica e sociocultural. A teoria de Zlatev constitui uma base teórico-epistemológica para explorar como as emoções estão presentes na atividade humana de significar – e como elas mesmas são significadas e comunicadas – por meio de interações entre processos biológicos e culturais. Em outras palavras, Zlatev constrói um modelo teórico que permite investigar como a dimensão emocional da experiência humana subjaz ao próprio funcionamento situado da cognição e da linguagem, além de possibilitar descrever como essa dimensão é percebida, conceptualizada e expressa na interação linguística. Neste ensaio, exploramos o tema das emoções na teoria biocultural do significado de Jordan Zlatev (2002), situando-a no campo das discussões contemporâneas sobre as emoções e suas relações com a cognição e a linguagem (e.g. Scherer, 2005; Frijda e Scherer, 2008; Maturana, 2002;

Cavalcante e Militão, 2016). Pretendemos explorar, no enquadramento dessa teoria, o papel das emoções em processos de produção de sentidos e refletir sobre o modo como o ser humano significa a própria experiência qualitativa (sentimentos¹) de suas emoções.

2. Sentido: cultura e experiência corporificada

2.1 A teoria biocultural do significado: uma proposta de integração

Os fundamentos da teoria biocultural do significado que aqui descrevemos são apresentados por Jordan Zlatev (2002) em seu artigo “Meaning = Life (+ Culture): an outline of a unified biocultural theory of meaning”. A definição de significado presente nessa teoria parte do sistema de valores intrínsecos (inatos ou adquiridos) atribuídos por um organismo aos estímulos recebidos do ambiente. Esse sistema de valores intrínsecos se refere à capacidade do organismo de categorizar estímulos do ambiente como ‘desejáveis’ ou ‘indesejáveis’, procurando os primeiros e afastando-se dos últimos de acordo com suas necessidades e demandas biofisiológicas (cf. Cisek, 1999 apud Zlatev, 2002, p. 258). Porém, em organismos mais complexos, os valores atribuídos ao ambiente podem ser adquiridos social e culturalmente, não resultando apenas das demandas fisiológicas mais imediatas – de modo que o mundo significável para plantas, bactérias e insetos, por exemplo, consiste na experiência física, percepto-sensorial, enquanto, para o organismo humano, consiste também em relações e práticas sociais, normas e convenções.

Com essas premissas, Zlatev (2002) estabelece dois princípios básicos que estruturam sua teoria do significado:

1. “Todo sistema vivo e apenas sistemas vivos são capazes de significar. Isso acontece porque a vida implica a presença de valores intrínsecos, que constituem a condição necessária e suficiente para o significado.” (Ibid, p. 257, *tradução nossa*).

¹ A diferenciação que fazemos entre *emoções* e *sentimentos* será explorada na seção 3.1 deste trabalho.

2. “Existe uma hierarquia de sistemas de significado que é tanto evolutiva quanto epigenética: cada nível precedente é pressuposto e integrado àquele que se segue, seja em evolução seja no desenvolvimento humano ontogenético.” (Ibid, p. 258, *tradução nossa*).

A partir desses princípios, Zlatev define o significado (S) como “a relação entre um organismo (O) e seu ambiente (A) físico e cultural, determinado pelo valor (V) de A para O” (Zlatev, 2002, p. 258). Esse conceito de significado, resumido na fórmula “ $S = V(O, A)$ ”, é explicitado pelo autor em seis teses complementares:

TESE 1. Significado é a relação entre um organismo e seu ambiente, determinado pelo valor que aspectos particulares e ambientais estabelecem para o organismo em questão. (Ibid, p. 260, *tradução nossa*).

TESE 2. O significado de aspectos físicos (categorias), percebidos por meio de sistemas de valores internos, está fundamentado em seu papel para preservação da vida de um indivíduo e de seus semelhantes. (Ibid, p. 260, *tradução nossa*).

TESE 3. O significado de aspectos culturais (categorias) é avaliado com base em sistemas convencionais de valores, consistindo (predominantemente) de signos. Estes precisam ser adquiridos antes de poder determinar uma relação significativa para o organismo. (Ibid, p. 261, *tradução nossa*).

TESE 4. Tanto os sistemas de valores inatos como os adquiridos servem como *sistemas de controle*, direcionando e avaliando comportamentos do organismo, bem como sua adaptação. (Ibid, p. 261, *tradução nossa*).

TESE 5. O valor intrínseco, e conseqüentemente o significado, está intimamente conectado à *emoção e aos sentimentos* e representa uma condição necessária, mas não suficiente para a experiência fenomênica. (Ibid, p. 262, *tradução nossa*).

TESE 6. Com base nos conceitos introduzidos nas Teses 1-5, quatro diferentes tipos de sistemas de significado podem ser definidos, formando uma hierarquia evolutiva e epigenética. (Ibid, p. 261, *tradução nossa*).

Não nos cabe, neste momento, detalhar cada uma das 6 teses enunciadas por Zlatev. Posteriormente, entretanto, as retomaremos para os propósitos deste trabalho, estabelecendo diálogos com outros estudos no campo das emoções humanas. Por ora, interessa-nos reconhecer que, com essas teses, Zlatev cumpre a promessa de unificar uma teoria simultaneamente bio-ecológica e sócio-semiótica do significado.

Em sua proposta unificadora, Zlatev parte de ideias postuladas em campos do saber até então fragmentados. A confluência dessas ideias possibilita uma integração das duas dimensões do significado, pois formaliza uma teoria que considera tanto os processos biofisiológicos do organismo, que age em seu meio para produzir sentido, quanto a experiência intersubjetiva da espécie humana — e de outras espécies que, como nós, são capazes de agir coletivamente para significar, comunicando valores, estabelecendo convenções e construindo tradições.

Relativamente à dimensão bio-ecológica do significado, um dos campos a que Zlatev recorre é a etologia de Jacob von Uexküll (1982), que inaugurou a chamada *biossemiótica*. Das contribuições teóricas do trabalho de Uexküll, o autor destaca o conceito de *Umwelt*, que corresponde ao mundo subjetivo do organismo, criado a partir dos estímulos que ele recebe na interação com o ambiente. Além disso, Zlatev também retoma em seu trabalho a noção de *affordance*, uma contribuição da psicologia ecológica de James Gibson (1979). Em uma perspectiva interacionista que integra percepção e ação, *affordances* são as potencialidades — ou possibilidades de ação — oferecidas pelo ambiente ao organismo que o significa. As influências aqui explicitadas são fundamentais para a compreensão da dimensão biológica da significação, pois é em seu *Umwelt* que o organismo age e interage a partir das *affordances* que recebe, atribuindo valores internos para a manutenção da vida e, portanto, significando estímulos do ambiente.

Ainda na dimensão biológica do significado, Zlatev menciona o papel do sistema biológico de valores nos processos de categorização e memória, a partir da teoria da consciência de Edelman (1992). Por fim, o autor recorre aos estudos de Damásio (2011) sobre o papel central das emoções na cognição e na consciência. Essa última contribuição tem especial relevância às reflexões que construímos neste ensaio.

Quanto à dimensão sócio-semiótica do significado, por sua vez, Zlatev menciona em seu artigo três maiores contribuições teóricas: a teoria da ‘relatividade linguística’ de Whorf (1956), a psicologia genética de Vygotsky (1978) e a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1975). A teoria de Benjamin Whorf (1956) contribui para o entendimento das bases socioculturais do significado ao sugerir que a estrutura linguística influencia a percepção e o pensamento, destacando como diferentes culturas determinam diferentes maneiras de significar o mundo. A psicologia genética de Vygotsky (1978) amplia essa perspectiva ao enfatizar o papel das interações sociais e culturais no desenvolvimento cognitivo, demonstrando como o significado é construído através de processos de mediação social e cultural. Já a linguística sistêmico-funcional de Halliday (1975) descreve o funcionamento da linguagem em contextos sociais para realizar funções específicas, evidenciando a interdependência entre linguagem, contexto e significado. Juntas, essas teorias apontam para o modo como o significado é co-construído por seres humanos, convencionalizado e negociado em contextos sociais específicos, mas também enfatizam, segundo Zlatev (2002, p. 258), a centralidade da mediação semiótica para a cognição.

2.2 Valor, sentido e categorização

A noção de valor presente na teoria de Zlatev, como expusemos anteriormente, parte da capacidade do organismo para classificar estímulos do ambiente como ‘desejáveis’ ou ‘indesejáveis’, procurando os primeiros e afastando-se dos últimos de acordo com suas necessidades e demandas biofisiológicas. Essa descrição corresponde a um **sistema de valores inatos**, que os organismos mais elementares possuem. Seres como bactérias e vermes são capazes de agir de acordo com suas disposições pré-determinadas biologicamente, buscando aquilo que lhes é essencial para a manutenção da vida e se afastando de ameaças. Para além de um sistema de valores inatos, porém, existe um sistema de valoração por **associações adquiridas** (Zlatev, 2002, p. 260), presente em organismos mais complexos, como é o caso de quase todos os vertebrados. Trata-se de um sistema de valoração que associa estímulos do ambiente a esquemas sensório-motores. Essas associações

são parcialmente inatas, parcialmente aprendidas por condicionamento e envolvem estruturas neurais do sistema nervoso central.

Avançando na hierarquia evolutiva proposta por Zlatev em sua Tese 6, encontramos organismos que, além de possuírem um sistema de valores inatos e serem capazes de construir associações adquiridas, também possuem um sistema de valoração por **convenções miméticas** (Zlatev, 2002, p. 262). Esse sistema de valoração está presente em mamíferos e cetáceos e envolve um sistema de neurônios-espelho bem desenvolvido. As convenções miméticas dependem de aprendizado por imitação e consistem na associação de estímulos a comportamentos por esquemas miméticos. Por fim, encontramos o **sistema simbólico de valores** (Zlatev, 2002, p. 264), que seria uma especificidade do ser humano.

Na teoria de Zlatev, as diferentes formas de se atribuir valores são fundamentais para os processos de significação, uma vez que se define o significado como a *relação entre organismo e ambiente*, em função do valor do ambiente para o organismo (cf. Tese 1). Zlatev ainda afirma a importância desses sistemas de valores para os processos de categorização, uma vez que estímulos com valores semelhantes em contextos diferentes formam *categorias*. O autor esclarece isso no seguinte excerto:

O ambiente do organismo pode ser apenas físico, como é o caso dos seres vivos simples, ou tanto físico quanto cultural, como é o caso dos animais culturais e, acima de tudo, dos seres humanos. Um exemplo de um aspecto físico significativo é a luz solar; um exemplo de um aspecto cultural significativo é um aperto de mão. O significado do segundo é convencional (embora não completamente arbitrário), enquanto o primeiro não é, mas em ambos os casos, um aspecto do ambiente tem significado para o organismo na medida em que tem valor para esse organismo. O valor pode variar entre graus positivos ou negativos, e assim o aspecto será significativo de forma positiva ou negativa. Se o aspecto não tiver valor algum para o organismo, será insignificante. Aspectos com valor equivalente em diferentes contextos formam categorias e, portanto, o valor é central para a categorização (Zlatev, 2002, p. 257, *tradução nossa*).

Exemplificando a importância do valor atribuído a aspectos físicos do ambiente para a significação, Zlatev menciona o significado que a luz solar tem para organismos os mais simples, como uma planta, por

exemplo. O estímulo da luz solar representa, para o organismo, um fator crucial para a manutenção da própria vida; esse **valor inato** que o estímulo tem determina a relação que o organismo estabelece com seu ambiente e, portanto, o modo como ele o significa. Um outro exemplo de categorização que decorre diretamente da experiência sensorial, física, do organismo no ambiente é a *categorização perceptual*, como fazemos com as cores e com os sons. De maneira semelhante, um pequeno roedor é capaz de identificar coisas percebidas no ambiente com seus sensores como fundamentais à própria sobrevivência, valorizando-as positivamente a partir de **associações adquiridas** e produzindo uma categoria como [ALIMENTO], por exemplo.

Os organismos humanos também criam categorias de estímulos físicos do ambiente a partir de um sistema de valores inatos. Entretanto, evolutivamente, encontramos-nos no último nível da hierarquia proposta por Zlatev em sua Tese 6, justamente por sermos capazes de significar a partir de **valores inatos, associações adquiridas, convenções miméticas e sistemas simbólicos**. A categorização de aspectos culturais pelo ser humano depende de todos esses sistemas de valores, pois se dá na interação entre organismos capazes de negociar sentidos, criar convenções e agir intersubjetivamente sobre seu ambiente.

Em uma perspectiva corporificada, podemos afirmar que a construção de categorias abstratas deriva parcialmente da experiência física (sensório-motora) por meio de uma cadeia de abstrações (Harnad, 2005). Essa cadeia de abstrações se dá, também, no processamento dos sentidos negociados na interação (intersubjetiva) entre organismos e seu ambiente.

A compreensão que explicitamos nesta seção é fundamental para a discussão que propomos a seguir, sobre o modo como o ser humano experiencia suas emoções e significa a própria experiência emocional. As duas perguntas que pretendemos responder, à luz da teoria biocultural de Zlatev, são: 1) como um estado emocional influencia a forma como significamos o mundo?; 2) como conceptualizamos nossa própria experiência de emoções específicas? Para isso, porém, é preciso antes definir a *emoção* e diferenciá-la de um outro fenômeno afetivo: o *sentimento*.

3. Emoções e linguagem

3.1 O que são emoções?

No artigo “What are emotions? And how can they be measured?”, Klaus R. Scherer (2005) descreve e defende uma concepção componencial e processual das emoções, diferenciando-as dos sentimentos em uma maneira semelhante àquela proposta por Damásio (2011). Para Scherer (2005, p. 697), uma emoção é

um episódio de mudanças inter-relacionadas e sincronizadas nos estados de todos ou na maioria dos cinco subsistemas do organismo em resposta à avaliação de um evento-estímulo interno ou externo como relevante às principais preocupações do organismo (Scherer, 2005, p. 697, *tradução nossa*).

Os cinco subsistemas a que o autor se refere são sistemas funcionais do organismo, responsáveis por sua interação com o ambiente (*sistema de processamento informacional, sistema de suporte, sistema executivo, sistema de ação, sistema de (auto)monitoramento*). Esses subsistemas correspondem de maneira não biunívoca a substratos maiores do organismo, especificamente de seu sistema nervoso², como sistema nervoso central, sistema neuroendócrino, sistema nervoso autônomo e sistema nervoso somático. Scherer relaciona cada um desses subsistemas a funções e componentes específicos das emoções (cf. Scherer, 2005), como o componente cognitivo (de valoração), o componente neurofisiológico (de produção dos sintomas corporais), o componente motivacional (de tendências de ação), o componente de expressão motora (facial, vocal ou gestual), e o componente da experiência subjetiva das emoções.

É possível ampliar essa definição de emoção, de modo a incluir até mesmo organismos mais elementares que, embora não possuam um sistema nervoso, têm suas próprias maneiras sofisticadas de processar estímulos e atribuir valores a eles, produzindo seus *Umwelten* e agindo conforme as *affordances* que recebem do ambiente. Cavalcante e Militão

² Essa definição de emoções excluiria, portanto, organismos mais elementares, como plantas, bactérias e protozoários. Estes, porém, possuem maneiras sofisticadas de responder a estímulos e se comunicar internamente, produzindo significado sobre o mundo de uma maneira mais primitiva (cf. Zlatev, 2002).

(2006) oferecem uma sistematização mais inclusiva dessa definição a partir de estudos subsequentes (Frijda e Scherer, 2009; Scherer, 2013). As autoras conceptualizam uma emoção como “um episódio caracterizado por um padrão emergente de sincronização entre diferentes componentes que preparam respostas adaptativas para eventos relevantes [ao organismo]”. Além disso, destacam que as emoções se estruturam sistêmica e funcionalmente, “com base em: **valor de relevância do ambiente para o organismo; força motivacional que gera prontidão para a ação; engajamento do organismo ‘inteiro’ na ação; busca do controle das ações.**” (Cavalcante e Militão, 2016, p. 46, grifo das autoras).

Uma vez definidas as emoções como episódios corporais que preparam ações adaptativas do organismo, nota-se que estas podem se estruturar, no organismo, em diferentes graus de complexidade. Assim, conforme António Damásio (2011), é possível classificar as emoções em *primárias* e *secundárias*. São consideradas primárias as emoções que configuram reações inatas, ‘pré-organizadas’ e integradas de todo o corpo a estímulos físicos e sociais carregados de valor (Damásio, 2011, p. 160). Essas emoções são inatas e universais, não requerem um processamento cognitivo complexo e surgem rapidamente em resposta a estímulos do ambiente. São exemplos de emoções primárias o medo, a raiva, a alegria, o nojo e a surpresa. Já as emoções secundárias ocorrem uma vez que começamos a experimentar sentimentos e a formar conexões sistemáticas entre categorias de objetos e situações, por um lado, e emoções primárias, por outro (Damásio, 2011, p. 14). Essas emoções são mais complexas e desenvolvem-se a partir da interação entre as emoções primárias e a experiência sociocultural, requerendo um processamento cognitivo mais complexo. São exemplos de emoções secundárias a culpa, a vergonha, o ciúme, a gratidão e o orgulho.

Além da distinção entre emoções primárias e secundárias, é também necessário diferenciar emoções e sentimentos. Scherer (2005) afirma que, enquanto as emoções encontram-se no plano das disposições corporais do organismo, os sentimentos correspondem à “experiência subjetiva da emoção, que se presume ter uma função importante de monitoramento e regulação. De fato, sugere-se que sentimentos integram a representação central da organização da resposta impulsionada pela avaliação na emoção” (Scherer, 2005, p. 699, *tradução nossa*). Essa concepção vai ao encontro do

pensamento de Damásio (2011), para quem os sentimentos envolvem a consciência qualitativa das emoções, ao passo que estas não ocorrem a nível da consciência. Cavalcante e Militão (2016) sintetizam essas diferenças, explicando que

As emoções envolvem, então, estados biofisiológicos e psicossociais pelos quais agimos. Sentimentos, [por sua vez], estão relacionados à ordem epistêmica dessas emoções [...] Dito de outra forma, a emoção deve ser compreendida como uma experiência de natureza biofisiológica [e], o sentimento, como uma experiência consciente, subjetiva, dos estados emocionais [...] (Cavalcante e Militão, 2016, p. 48).

Com essa definição de emoções e sua distinção do conceito de sentimentos, podemos nos aproximar do papel fundamental da experiência emocional nos processos de produção de sentido pelo organismo, conforme estabelecido na teoria biocultural de Zlatev. Em seguida, apresentaremos um panorama de outros estudos que trazem as emoções à base do funcionamento da linguagem humana e ao próprio surgimento da linguagem como uma possibilidade evolutiva.

3.2 A linguagem situada na experiência das emoções

Como expusemos anteriormente, Zlatev afirma em sua Tese 5 que o valor intrínseco (inato ou adquirido) que o organismo atribui ao seu ambiente está intimamente relacionado à *emoção* e aos *sentimentos* que experiencia. Isso decorre do fato de que as disposições corporais do organismo, marcadas por padrões emergentes de sincronização entre os cinco subsistemas discriminados por Scherer (2005), estão implicadas nos sistemas de valores e, portanto, nos processos de categorização (desde a categorização por associação adquirida até as categorizações mais abstratas construídas pela mente humana), conforme explicitado na seção 2.3 deste ensaio.

No caso dos sistemas de valoração por associação adquirida, podemos supor a implicação das emoções primárias, uma vez que

a atribuição de valores a estímulos do ambiente requer episódios de mudanças corporais sincronizadas do organismo para agir em resposta. Isso não significa, porém, que todos os organismos capazes de construir tais associações experienciam fenomenicamente as emoções e possuem as percepções qualitativas a que chamamos sentimentos. Isso dependeria de um nível de consciência mais sofisticado, que mamíferos de ordens mais próximas ao ser humano, como os chimpanzés, demonstram possuir (Tomasello, 1985).

Em sistemas de valoração mimética e, sobretudo, nos sistemas simbólicos, estão implicadas não apenas as emoções primárias, mas também as secundárias. Zlatev deixa clara essa implicação ao afirmar que,

sem a compreensão da intencionalidade e das emoções secundárias, não seria possível para um organismo aprender categorias culturais, que devem seu significado não à sua utilidade direta para o organismo, mas ao valor que lhes é atribuído pelos outros membros do grupo (Zlatev, 2002, p. 266, *tradução nossa*).

Cavalcante e Militão (2016) retomam a compreensão de Zlatev sobre papel das emoções nas atividades simbólicas humanas, sistematizando-a ao reiterar que

a experiência emocional humana envolve ações que decorrem de padrões emergentes da sincronização dos sistemas orgânicos corporais (sistemas visual, auditivo, circulatório, respiratório, digestivo, límbico) implicados nas funções cognitivas (sensação, percepção, atenção, memória) e, por sua vez, nas vivências semióticas intersubjetivas, instanciadas em diferentes linguagens (verbal, visual, musical, matemática, etc.) pelos seres humanos. A manifestação das emoções pressupõe, portanto, movimentos multissistêmicos de uma mente corporificada que age atribuindo valor às relações que estabelece com o ambiente. (Cavalcante; Militão, 2016, p. 47).

Outro autor relevante para a compreensão do papel fundamental das emoções para a emergência e para o funcionamento da linguagem é o neurobiólogo Humberto Maturana (2002). Para Maturana, “biologicamente, as emoções são disposições corporais que determinam ou especificam domínios de ações” (Maturana, 2002, p. 16). O autor ainda afirma que

“não há ação humana sem uma emoção que a estabeleça como tal e a torne possível como ato” (*Ibid.* p. 22). Por conseguinte, “para que se desse um modo de vida baseado no estar juntos em interações recorrentes no plano da sensualidade em que surge a linguagem, seria necessária uma emoção fundadora particular, sem a qual esse modo de vida na convivência não seria possível.” A essa emoção, Maturana chama *amor*:

O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. Por isso a linguagem, como domínio de coordenações consensuais de conduta, não pode ter surgido na agressão, pois esta restringe a convivência, ainda que, uma vez na linguagem, ela possa ser usada na agressão (Maturana, 2002, p. 22, *tradução nossa*).

A biologia do amor de Maturana explica o papel das emoções como condição de emergência da linguagem, tanto em uma perspectiva evolutiva quanto ontológica.

4. Como conceptualizamos nossa experiência emocional?

A compreensão que o ser humano tem da própria experiência emocional vai além da simples percepção das emoções; envolve uma complexa interação entre processos biológicos e culturais responsáveis pela significação que fazemos dessas experiências. A partir da perspectiva da teoria biocultural do significado, podemos explorar como a nossa capacidade de conceptualizar emoções não é apenas um produto das disposições biológicas inatas, mas também é influenciada por convenções culturais e práticas sociais. O objetivo desta reflexão é explicar, à luz dessa teoria, como conceptualizamos experiências emocionais e as codificamos na língua por meio de palavras de conteúdo emocional como substantivos, verbos e adjetivos (e.g. *medo*, *temer* e *medroso*), mas também por meio das diferentes configurações de sintagmas preposicionais em diferentes línguas (e.g. [tremmer] *de medo* vs. [tremble] *with fear*, etc.) que manifestam

diferentes modos de perspectivação ou *construal*³ (Gonçalves-Segundo, 2017) da experiência emocional.

Em um capítulo intitulado “A a relevância da emoção para a linguagem e para a linguística”, Ad Foolen (2016) considera as relações entre emoções e linguagem sob três perspectivas: a conceptualização das emoções, a expressão das emoções e a relação das emoções com a base situada (*grounding*) da linguagem. Quanto à primeira perspectiva, que sobretudo nos interessa discutir neste trabalho, o autor analisa classes de palavras que codificam na língua a experiência emocional humana e que nos permitem, portanto, falar sobre nossas emoções. Valendo-se de estudos linguísticos diversos, o autor afirma que

Com substantivos como amor, raiva, surpresa, podemos falar sobre emoções. Mas outras classes de palavras também possuem conteúdo que diz respeito às emoções, em particular verbos (amar, odiar, temer) e adjetivos (feliz, triste, irritado). A seguir, vamos examinar substantivos e verbos, deixando de lado os adjetivos, mas acrescentaremos preposições, pois elas desempenham um papel nos aspectos relacionais (amor por algo) da conceitualização das emoções. (Foolen, 2016, p. 350, *tradução nossa*).

Antes de adentrar propriamente na codificação que fazemos na língua de aspectos de nossa experiência emocional, é preciso compreender as bases do modo como significamos nossas próprias emoções. Sendo as emoções “disposições corporais que determinam ou especificam domínios de ações”, como queria Maturana (2002), ou episódios corporais caracterizados “por um padrão emergente de sincronização entre diferentes componentes que preparam respostas adaptativas para eventos relevantes [ao organismo]” (Cavalcante e Militão, 2016), como podemos tomar conhecimento desses estados corporais, a ponto de significá-los em nossa experiência?

A resposta a essa pergunta deve passar, invariavelmente, pela noção de *interocepção* (Critchley; Garfinkel, 2017), um mecanismo por meio do qual o organismo percebe processa os sinais internos do corpo, como batimentos cardíacos e sensações viscerais. Esses sinais são fundamentais para a experiência emocional, pois contribuem para a emergência da **consciência qualitativa dos estados emocionais (sentimentos) e influenciam**

³ Dentre as operações de perspectivação conceptual que subjazem ao modo como as emoções são conceptualizadas em diferentes línguas, cabe destacar a metáfora conceptual, como veremos mais adiante.

comportamentos adaptativos. Percebendo os estados corporais internos que caracterizam uma determinada emoção e tomando consciência desses estados, o organismo significa não só o ambiente que os estimula, mas também o próprio corpo e sua relação com o ambiente. Daí surge a possibilidade de categorizarmos não às emoções diretamente, mas aos sentimentos que temos desses estados emocionais.

Os conceitos emocionais são, portanto, conceitos de sentimentos. Não obstante, os conceitos que construímos de nossos estados emocionais não são resultado direto da interocepção, mas passam pela negociação simbólica, intersubjetiva, do sentido que fazemos dos sentimentos. Follen menciona em seu capítulo um estudo de Wierzbicka (1999 apud Follen, 2016) que apresenta evidências nesse sentido, mostrando que línguas diferentes variam no modo como recortam o campo emocional. Um dos exemplos apresentados pelo autor demonstra que o alemão faz uma distinção entre “Eifersucht” (ciúmes de relacionamentos) e “Neid” (inveja de posses materiais), enquanto o holandês usa “jaloerie” para ambos. Essas diferenças podem, inclusive, influenciar como os falantes percebem e experimentam emoções.

Quanto aos substantivos usados para representar conceitos emocionais, Follen (2016, p. 351) afirma que a variação lexical no campo emocional pode ser mais fluida e culturalmente específica do que em áreas como objetos concretos. Estudos linguísticos em uma perspectiva diacrônica mostram como a conceptualização das emoções pode evoluir ao longo do tempo, acumulando sentidos produzidos culturalmente por uma dada comunidade de fala.

Em relação ao uso dos verbos, o autor (Follen, 2016, p. 352) apresenta estudos que evidenciam que os conceitos para os sentimentos são processuais e envolvem diferentes papéis, como Causador, Experienciador, Alvo e Efeito. Os verbos emocionais podem ser categorizados em três classes: causativos, inacusativos e com sujeito experienciador. A forma como esses sentimentos são conceptualizados pode variar entre línguas e ao longo do tempo, refletindo diferentes padrões sintáticos e mudanças na posição do Experienciador.

Por fim, o autor destaca o papel das preposições na conceptualização de aspectos da experiência emocional. As preposições ajudam a relacionar sentimentos com causas ou alvos, e podem variar entre línguas. Por

exemplo, o holandês tende a usar preposições que indicam emoções como companhias (e.g. *met blijdschap* = [fazer algo] com alegria), enquanto o hebraico pode usar preposições que conceptualizam emoções com a metáfora EMOÇÃO É CONTÊINER (e.g. *be-simxa* = [fazer algo] em alegria). Essas diferenças mostram como as línguas percebem e estruturam a relação entre emoções e suas causas.

Em síntese, a nossa capacidade de conceptualizar experiências emocionais é profundamente influenciada por uma interação entre processos biológicos e culturais. A interocepção permite que percebamos e tomemos consciência dos estados corporais associados às emoções, mas a forma como codificamos e expressamos essas emoções na língua está também imersa em práticas culturais e linguísticas específicas. As palavras que usamos — substantivos, verbos e preposições — não apenas refletem a consciência qualitativa que temos de nossos estados emocionais (sentimentos), mas também influenciam a forma como entendemos e comunicamos essas experiências. A variação na conceptualização emocional entre diferentes línguas e culturas evidencia que nossa percepção das emoções é dinâmica, revelando a complexidade da relação entre linguagem, cultura e experiência emocional. Assim, a teoria do significado proposta por Zlatev oferece uma fundamentação teórica extremamente relevante à análise desses fenômenos, ao unificar as dimensões bio-ecológica e sócio-semiótica do significado.

5. Considerações finais

Exploramos aqui, à luz da teoria biocultural do significado (Zlatev, 2002), as relações entre os aspectos biológicos e culturais da significação e a experiência emocional humana. Destacamos o papel constitutivo da dimensão do emocionar para os processos (linguísticos e não linguísticos) de produção de sentidos. Além disso, buscamos descrever, no escopo da teoria biocultural, como as emoções são percebidas interoceptivamente e significadas intersubjetivamente, destacando o papel crucial da consciência qualitativa das emoções para a formação dos sentimentos e para a percepção dos estados corporais que os caracterizam. A partir desse embasamento teórico, é possível investigar como a linguagem codifica essas experiências

emocionais – conforme exemplificamos com os estudos reunidos por Foolen (2016) sobre o valor sistêmico de substantivos, verbos e preposições que refletem a perspectivação (construal) subjacente à conceptualização linguística das emoções.

Referências

ALLAN, K. A history of semantics. In: Riemer N. *The Routledge Handbook of Semantics*. 1. ed. Abingdon Oxon UK: Routledge, p. 48-68, 2016.

CAVALCANTE, Sandra; MILITÃO, Josiane. O lugar das emoções no processo de produção dos sentidos. *Emoções: Desafios para estudos da linguagem e cognição*, v. 1, n. 54, p. 41- 70, 2016.

DAMÁSIO, António. *Descartes' Error: Emotion, Reason, and the Human Brain*. New York: Grosset/Putnam, 2011.

FOOLEN, Ad. A relevância da emoção para a linguagem e para a linguística. In: CAVALCANTE, Sandra; MILITÃO, Josiane. *Emoções: Desafios para estudos da linguagem e cognição*, v. 24, n. 84, p. 11 - 40, 2016. Disponível em: https://issuu.com/cespuc/docs/emo_es_desafios_para_estudos_da_linguagem_e_da_co. Acesso em 15 de jul. 2024.

GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. A relevância da noção de perspectivação conceptual (construal) no âmbito dos estudos do texto e do discurso: teoria e análise. *Letras*, v. 27, n. 54, p. 67-100, jan. 2017.

MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Educação e Sociedade, v. 24, n. 84, p. 57-69, 2003.

TOMASELLO, Michael; GEORGE, Barbara L.; KRUGER, Ann Cale; JEFFREY, Michael; FARRAR, Andrea; EVANS, Andrea. *The development of gestural communication in young chimpanzees*. *Journal of Human Evolution*, v. 14, n. 2, p. 175-186, ano 1985. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0047248485800051>.

SCHERER, Klaus R. *What are emotions? And how can they be measured?* *Social Science Information*, v. 44, p. 695-729, 2005.

PULVERMÜLLER, Friedemann. *How neurons make meaning: brain mechanisms for embodied and abstract-symbolic semantics.* *Trends in Cognitive Sciences*, v. 17, n. 9, p. 458-470, 2013.

ZLATEV, Jordan. *Meaning = Life (+ Culture): an outline of a unifold biocultural theory of meaning.* *Journal of Cross-Cultural Psychology*, v. 40, n. 2, p. 1-26, 2002.